



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 07/05/2021 a 13/05/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
07/05/2021	16,21	442,50	66,38	7,73	7,72
10/05/2021	16,20	444,40	66,10	7,42	7,48
11/05/2021	16,37	449,50	67,06	7,59	7,59
12/05/2021	16,60	450,90	68,66	7,54	7,57
13/05/2021	16,12	423,50	68,04	7,26	7,19
Média	16,30	442,16	67,25	7,51	7,51

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	166,00	
RS – Não Me Toque	165,00	
RS – Londrina	165,00	
PR – Cascavel	163,00	
MT – C.N.Parecis	164,00	
MS – Maracaju	169,00	
GO - Rio Verde	167,00	
BA – L.E.Magalhães	163,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	88,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	92,00	
SC – Rio do Sul	94,00	
PR – Cascavel	98,00	
PR – Londrina	98,00	
MT – C.N.Parecis	80,00	
MS – Maracaju	98,00	
SP – Itapetininga	105,00	
SP – Campinas	106,00	CIF
GO – Rio Verde	87,00	
GO – Jataí	87,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	84,00	
RS – Não Me Toque	84,00	
PR – Londrina	89,00	
PR – Cascavel	88,00	

Período: 12/05/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 13/05/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	92,00	166,65	83,00

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
13/05/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	86,17
Feijão (saco 60 Kg)	285,71
Sorgo (saco 60 Kg)	64,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,94
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,91**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,03

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Abril/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago continuaram subindo nesta semana, buscando se posicionar para o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/05. Após este dia, o mercado fez importante ajuste técnico, com as cotações recuando fortemente. Assim, após atingirem a US\$ 16,60/bushel para o primeiro mês cotado, em 12/05, o fechamento do dia seguinte ficou em US\$ 16,12, contra US\$ 16,05 uma semana antes, registrando quase um limite de baixa no dia. Registre-se que o farelo, durante a semana, bateu em US\$ 450,90/tonelada curta, sua mais alta performance desde meados de janeiro, enquanto o óleo bateu em 68,66 centavos de dólar por libra-peso, se mantendo nas mais altas cotações de sua história. Após isso, os dois subprodutos igualmente recuaram na esteira do ajuste técnico do grão.

Quanto ao relatório do USDA, o mesmo confirmou um aumento na safra estadunidense de soja, porém, manteve estoques finais muito baixos para o ano de 2021/22 nos EUA. Os principais números para este ano 2021/22 foram:

- 1) A produção dos EUA, para esta safra, está estimada em 119,9 milhões de toneladas, após pouco mais de 112 milhões no ano anterior;
- 2) Os estoques finais dos EUA ficariam em apenas 3,81 milhões de toneladas, contra 3,25 milhões neste ano anterior;
- 3) O preço médio aos produtores de soja estadunidenses sobe para US\$ 13,25/bushel, contra US\$ 11,25 um ano antes e US\$ 8,57/bushel dois anos antes;
- 4) A produção mundial de soja sobe para 385,5 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais alcançariam 91,1 milhões de toneladas, recuperando quase cinco milhões de toneladas em relação ao ano anterior;
- 5) A produção brasileira está projetada em um novo recorde, podendo atingir a 144 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina ficaria em 52 milhões;
- 6) As importações da China somariam 103 milhões de toneladas, contra as projeções de 100 milhões para o corrente ano.

O principal fator altista aqui está nos estoques finais dos EUA. O restante das informações fica no terreno neutro a baixista. Obviamente, tal quadro somente se confirmará diante de clima normal nos EUA em particular. A notar igualmente uma redução nos estoques finais mundiais de óleo de soja (4,09 milhões de toneladas, contra 4,46 milhões um ano antes), mesmo com aumento na produção mundial do subproduto, a qual passaria para 62,25 milhões de toneladas, contra 60,49 milhões um ano antes).

Dito isso, em termos mais conjunturais, o plantio da soja nos EUA avança muito bem, tendo chegado a 42% da área até o dia 09/05, sendo que a média histórica para o período é de 22%. Por outro lado, 10% das lavoura semeadas já germinaram, contra 4% na média.

Já as exportações de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 06 de maio, somaram 236.918 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. No acumulado do ano comercial atual o volume soma 55,7 milhões de toneladas, ou seja, 90% acima do que o registrado um ano antes nesta data.

Por sua vez, as importações de soja por parte da China aumentaram 11% em abril, alcançando um total de 7,45 milhões de toneladas no mês. O aumento se deu em função de cargas que chegaram com atraso procedentes do Brasil. Espera-se números mais elevados para maio.

Nos primeiros quatro meses do ano a China comprou um total de 28,63 milhões de toneladas de soja, registrando um aumento de 17% sobre igual período do ano anterior. Em março as margens de esmagamento recuaram devido ao novo surto de peste suína africana naquele país, assim como o aumento no uso do trigo nas rações animais em substituição parcial ao milho, devido ao alto preço deste último. Segundo os industriais chineses, eles ainda estão perdendo dinheiro com o esmagamento de soja, pois o preço do grão está muito alto. Enfim, a China comprou ainda 3,8 milhões de toneladas de óleos vegetais em geral, no primeiro quadrimestre deste ano, o que significa um aumento de 47,4% sobre o mesmo período do ano passado.

Aqui no Brasil, com o Real chegando a R\$ 5,23 em alguns momentos da semana, e diante de prêmios ainda negativos na maioria dos portos, os preços médios se estabilizaram e até recuaram um pouco. O que segurou os mesmos foi a performance altista em Chicago. Desta forma, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 166,65/saco, enquanto nas demais praças nacionais o produto girou entre R\$ 163,00 e R\$ 167,00/saco.

Enquanto isso, a comercialização da futura safra (2021/22), a ser plantada somente em setembro no Mato Grosso, maior produtor nacional, avançou para 27,7% do total esperado naquele Estado, ficando acima da média histórica para esta época, a qual é de 14,9%. Mas, na mesma época do ano passado as vendas antecipadas do Estado atingiam a 37,2% da produção esperada. Quanto a safra atual (2020/21) as vendas atingem a 83,5% da produção estadual, ficando acima da média histórica que é de 78,3% do total.

Quanto as exportações brasileiras de soja, o país teria exportado um total de 17 milhões de toneladas em abril, segundo o governo brasileiro, enquanto a Anec mantém o número de 15,6 milhões exportadas. Para maio, espera-se que as mesmas atinjam a 15,3 milhões de toneladas. O Brasil ainda deverá exportar 1,8 milhão de toneladas de farelo de soja em maio. Em maio de 2020 o país exportou 13,9 milhões de toneladas de grãos de soja e 1,77 milhão de toneladas de farelo segundo dados da Anec.

Enfim, destaque para recente estudo divulgado pela Embrapa sobre o uso de tecnologias sustentáveis na agricultura. Os mesmos geram economia de terras de cultivo de milhões de hectares. Somente para a soja tais tecnologias, que incluem sistemas integrados lavoura-pecuária-floresta (ILPF), plantio direto, fixação biológica de nitrogênio, uso de bioinsumos incluindo controle biológico de pragas, entre várias outras, foi capaz de gerar uma economia de 71 milhões de hectares de áreas plantadas, o que corresponde à soma dos territórios de Irlanda e França. O estudo, conduzido pela Diretoria de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa, contou com a participação de mais de 50 pesquisadores e analistas representando nove unidades de pesquisa da Empresa. Os dados, oriundos de pesquisas e estudos desenvolvidos ao longo das últimas décadas, geraram a publicação Tecnologias Poupa-Terra 2021, recém-lançada em comemoração ao 48º aniversário da Embrapa. As tecnologias

poupa-terra são aquelas adotadas pelo setor produtivo, de baixo ou alto custo, que permitem incrementos sustentáveis na produção total em uma mesma área e, graças ao seu uso, evita-se a abertura de novas áreas para produção agropecuária. Práticas conservacionistas, como o plantio direto, o manejo e a conservação do solo e dos recursos hídricos, podem ser caracterizadas como práticas poupa-terra, uma vez que aumentam a produtividade de modo sustentável, sendo que uma das principais vantagens das tecnologias poupa-terra é que atendem a produtores de todos os portes: pequeno, médio e grande. Em termos gerais, segundo ainda a Embrapa, na safra de 2019/2020 foram produzidos 251 milhões de toneladas de grãos em uma área de 65,8 milhões de hectares. A contribuição da soja para esse montante foi de 120,9 milhões de toneladas em 36,9 milhões de hectares, o que representa uma produtividade de aproximadamente três quilos por hectare. A soja responde por 3,6% dos empregos gerados pelo agro no Brasil. Se comparar com a década de 1970, quando não havia a tecnologia existente hoje para produção de soja no Brasil, para manter esses índices de produtividade seria necessário expandir a área em 195%, ou seja, praticamente o triplo do que se tem hoje. Com a ciência e as tecnologias poupa-terra se conseguiu preservar uma área, portanto, de 71 milhões de hectares (cf. Embrapa in: Notícias Agrícolas).

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente subiram antes do anúncio do relatório do USDA, no dia 12/05. Posteriormente recuaram fortemente, porém, continuaram superiores as do trigo em termos absolutos e proporcionais, considerando que um bushel de trigo corresponde a 27,216 quilos e o do milho a 25,401 quilos. O fechamento desta quinta-feira (13), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 7,19/bushel para o milho, contra US\$ 7,59 uma semana antes. Lembrando que, durante a semana, o mesmo chegou a bater em US\$ 7,72.

Neste contexto, o relatório de oferta e demanda do USDA, para o ano 2021/22, trouxe os seguintes dados:

- 1) A safra estadunidense está projetada em 380,8 milhões de toneladas, ficando pouco mais de 20 milhões de toneladas acima do registrado no ano anterior;
- 2) Os estoques finais dos EUA subiriam para 38,3 milhões de toneladas, contra 31,9 milhões no final do corrente ano comercial;
- 3) O preço médio ao produtor de milho estadunidense ficaria em US\$ 5,70/bushel, contra US\$ 4,35 no corrente ano e US\$ 3,56/bushel dois anos antes;
- 4) A produção mundial de milho sobe para 1,19 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais chegariam a 292,3 milhões de toneladas, contra 283,5 milhões um ano antes;
- 5) A produção brasileira de milho está projetada em 118 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina ficaria em 51 milhões;
- 6) O Brasil exportaria um total de 43 milhões de toneladas e a China importaria um total de 26 milhões.

Dito isso, o plantio do milho, na atual safra estadunidense, atingia a 67% da área total esperada, no dia 09/05, contra a média histórica de 52% para esta época do ano.

Cerca de 20% das lavouras do cereal já tinham germinado naquela data. Ou seja, assim como a soja, o milho avança rapidamente em seu plantio e desenvolvimento. Quanto às exportações estadunidenses do cereal, as mesmas, na semana encerrada em 06/05, atingiram a 1,7 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial 2020/21 os embarques de milho pelos EUA atingem a 45,2 milhões de toneladas, ou seja, 66% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Aqui no Brasil, diante da quebra da safrinha, os preços continuam subindo. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 92,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais o saco do produto oscilou entre R\$ 80,00 em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 105,00 em Itapetininga (SP), salientando que o CIF Campinas (SP) bateu em R\$ 106,00.

Já na B3 o contrato maio abriu a sessão de quinta-feira (13) valendo R\$ 102,60/saco, enquanto julho ficava em R\$ 102,64; setembro em R\$ 99,30; e novembro em R\$ 99,88/saco.

O quadro geral é de enorme preocupação, com as estatísticas reduzindo semanalmente o volume final da safrinha diante da seca que se abate sobre os principais Estados produtores do Centro-Sul brasileiro. Os preços do cereal, com isso, vão batendo recordes reais, diante igualmente de uma baixa oferta do produto. De fato, quem ainda tem milho segura o produto, pois a tendência é de alta nas próximas semanas, na medida em que a demanda continua pressionando nas compras visando repor estoques. No Paraná, por exemplo, a disputa pelo cereal já elevou o preço, nas intenções de venda, para R\$ 110,00/saco (cf. Cepea).

Revisões são constantes para baixo nas estimativas de produção da safrinha. Neste momento, a AgRural estima que a produção do Centro-Sul brasileiro fique em apenas 65,1 milhões de toneladas, contra 73 milhões projetados em abril. Lembramos que no início do plantio da safrinha falava-se em até 82 milhões de toneladas a serem produzidas. E isso que a área semeada total cresceu 6% sobre o ano anterior na região.

Se somar a produção do Norte e Nordeste, espera-se, agora, uma produção total de 69,6 milhões de toneladas no segundo semestre, contra 77,5 milhões que a consultoria estimava em abril e os 75,1 milhões colhidos em 2020. Nestas condições, como alertávamos em boletins passados, a produção total de milho no Brasil, neste ano, cairia para 95,5 milhões de toneladas, contra 103,4 milhões indicados em abril e até 112 milhões projetados no momento do plantio da safrinha.

Em tal quadro, ou as exportações diminuem significativamente, ou o país terá que importar milho, como já vem fazendo pontualmente, para dar conta de sua demanda interna. Assim, não há como os preços internos do cereal recuarem no curto prazo e, talvez, mesmo em boa parte do restante do ano.

Afora isso, no Mato Grosso a comercialização do milho da safra 2020/21 já alcança 74% da produção. O avanço nesta comercialização diminuiu bastante devido as incertezas quanto ao volume final a ser colhido na safrinha do Estado. Neste quadro, os preços médios locais subiram 12,4% entre o início de abril e o início de maio. Já

para a safra 2021/22 as vendas antecipadas chegam a 16% do total esperado. (cf. Imea)

No Paraná, o plantio da safrinha atinge a 99% da área esperada, porém, com apenas 25% das lavouras consideradas em bom estado, contra 45% em situação mediana e 30% em condições ruins. E isso que a chuva ocorrida nesta semana ajudou a salvar parte do milho. A produtividade média em muitas regiões paranaenses está estimada, agora, em apenas 50 sacos/hectare. (cf. Deral)

No Mato Grosso do Sul existem regiões que não recebem chuvas há 35 dias e sem grandes perspectivas de as mesmas ocorrerem no restante de maio e em junho. Assim como em Goiás, este Estado terá perdas na safrinha. Neste contexto, muitas regiões sul-matogrossenses estão com preços ao redor de R\$ 96,00/saco no momento.

Por outro lado, a Conab, em seu último boletim, em maio, confirma que 35% da safrinha teria sido semeada fora da janela ideal, porém, ainda espera uma produção final da mesma em 79,8 milhões de toneladas, indicando que a safra total de milho pode ainda ficar em 106,4 milhões de toneladas neste ano. Ora, estes números destoam completamente do que vem sendo indicado pelas consultorias privadas e pelos sindicatos regionais dos produtores, e precisam ser vistos com muita cautela. O órgão oficial continua indicando exportações anuais de 35 milhões de toneladas, porém, reviu para baixo os estoques finais nacionais de milho, com os mesmos chegando a 10,9 milhões de toneladas, contra 13,4 milhões em abril.

Por fim, a Secex apontou que nos primeiros cinco dias úteis de maio o Brasil exportou 484,5 toneladas de milho, ficando bem abaixo da última semana de abril. Por enquanto, nestes primeiros dias de maio, o país exportou apenas 1,94% de todo o milho exportado em maio de 2020. Desta forma, a média diária de embarque ficou 98,5% menor do que a média de abril e 92,2% menor do que a média diária de maio de 2020.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, que já não acompanhavam o movimento de alta da soja e do milho, acabaram recuando também no fechamento desta quinta-feira (13) ficando em US\$ 7,26/bushel, contra US\$ 7,64 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, deste dia 12/05, trouxe os seguintes números para a safra 2021/22:

- 1) A safra dos EUA chegará a 51 milhões de toneladas, aumentando cerca de dois milhões em relação as expectativas iniciais;
- 2) Os estoques finais estadunidenses somariam 21 milhões de toneladas, contra 23,7 milhões no ano anterior;
- 3) O preço médio ao produtor estadunidense de trigo ficaria em US\$ 6,50/bushel, contra US\$ 5,05 no corrente ano e US\$ 4,58/bushel dois anos atrás;
- 4) A produção mundial de trigo sobe para 789 milhões de toneladas (13 milhões a mais do que o registrado no corrente ano), enquanto os estoques finais mundiais atingem a 295 milhões de toneladas;

- 5) A produção da Argentina ficaria em 20,5 milhões de toneladas, a da Austrália 27 milhões e a do Canadá 32 milhões de toneladas;
- 6) A Rússia bateria em 85 milhões de toneladas e a Ucrânia em 29 milhões, enquanto a União Europeia produzirá 134 milhões de toneladas;
- 7) Já o Brasil ficaria com uma produção de 6,8 milhões de toneladas, e uma importação de trigo igualmente de 6,8 milhões de toneladas;
- 8) Enfim, a China produziria 136 milhões de toneladas, com importações de 10 milhões.

Dito isso, nos EUA as condições do trigo de inverno, em 09/05, eram de 49% entre boas a excelentes, 33% regulares e 18% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera estava semeado em 70% da área esperada, contra a média histórica de 51% para esta época do ano. Do total semeado, 29% já havia germinado, contra a média de 20% para o período.

Por sua vez, os embarques de trigo pelos EUA, na semana encerrada em 06/05, atingiram a 545.587 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Este volume levou o total exportado no ano comercial a 23,7 milhões de toneladas, ficando em linha com o volume do ano passado na mesma época.

Já na Rússia, outro forte produtor e exportador mundial de trigo, a tonelada do produto local subiu para US\$ 274,00 nesta semana. Houve um aumento de quatro dólares, puxado pela escassez do produto neste momento e pelas elevações das cotações em Chicago. Problemas climáticos nos EUA e na França, importantes produtores do cereal, também ajudam a manter as cotações firmes. Enquanto isso, na região do Mar Negro, onde Rússia e Ucrânia possuem suas lavouras, o clima é normal. A nova produção russa está estimada em 80,7 milhões de toneladas pelo governo russo, ficando um pouco abaixo da produção do ano anterior, que foi de 85,9 milhões, e também abaixo do que foi indicado pelo relatório do USDA desta semana. Por sua vez, há muita especulação quanto a possibilidade de existirem estoques de trigo muito baixos, neste momento, na Rússia. Entretanto, estes rumores não se confirmam na medida em que tais estoques estariam em 13,8 milhões de toneladas. (cf. SovEcon)

Aqui no Brasil, os preços do trigo se mantêm firmes, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R\$ 83,00/saco, enquanto no Paraná os preços oscilam entre R\$ 88,00 e R\$ 89,00/saco.

No geral, o tempo seco, especialmente no Paraná, preocupa os produtores locais. No Rio Grande do Sul, o advento do frio mais intenso tem ajudado o pouco trigo já semeado, porém, igualmente seria importante um pouco mais de chuva, apesar das precipitações ocorridas dias atrás. No Paraná, o plantio alcançava apenas 9% da área esperada, e vem sendo feito sobre solo seco. Destas lavouras plantadas, 70% estariam em condições médias, com emergência desuniforme e dificuldades na germinação. A notar que a demanda das fábricas de rações cresceu um pouco na semana, com as mesmas buscando trigo para ração em substituição ao milho, que está muito caro.

Enfim, vale destacar ainda que a maioria dos moinhos gaúchos, desde o início de maio, está fora do mercado, possuindo estoque para cerca de dois meses à frente. Ao mesmo tempo, aponta-se que os produtores gaúchos ainda teriam cerca de 50% da última safra em mãos. Este percentual é elevado e, se ficar estocado até a entrada da

nova safra, deverá ajudar a pressionar os preços do trigo para baixo a partir do último trimestre do ano, desde que a nova safra venha normal. Além disso, é preciso contar com o fato de que, em se mantendo a revalorização do Real, as importações tendem a ficar mais baratas, pressionando igualmente para baixo os preços internos do cereal.